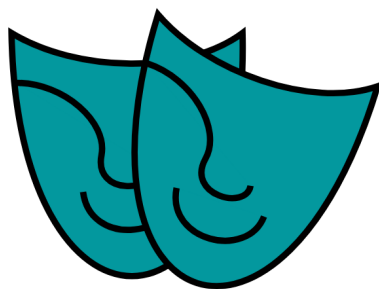


FESTA NA FIRMA



FRUTA BRUTA

C	D	E
Resumo mensal da jornada de trabalho		
Colaborador:		
Empresa:		Identidade:
Departamento:		Mês e Ano:
HORA DE ENTRADA	HORA DE SAÍDA	TEMPO DE ALMOÇO
09:00	18:00	01:00
09:00	19:00	01:10
10:00	18:00	00:45
09:30	19:00	00:50
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:30
09:00	18:00	01:30
09:00	18:00	00:45
09:00	18:00	00:45
09:00	18:00	01:30



FRUTA BRUTA LTDA.

CONSELHO EDITORIAL

DANIELLA CHAVES

DANILO CHAVES

WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

CAPA

DANIELLA CHAVES

PROJETO GRÁFICO E
DIAGRAMAÇÃO

WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

Resumo mensal da jornada de trabalho

Colaborador:	
Empresa:	Identidade:
Departamento:	Mês e Ano:

HORA DE ENTRADA	HORA DE SAÍDA	TEMPO DE ALMO
09:00	18:00	01:00
09:00	19:00	01:10
10:00	18:00	00:45
09:30	19:00	00:50
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:30
09:00	18:00	01:30
09:00	18:00	00:45
09:00	18:00	00:45
09:00	18:00	01:30

LISTA DE CONVIDADOS

DANILO CHAVES – AUMENTO –	06
VALDECK ALMEIDA DE JESUS – A FESTA NA FIRMA ERA UM FIASCO–	08
IAN ANDERSON GOMES DIAS – DESCULPINHA ESFARRAPADA–	10
DANIELLA CHAVES – PATUSCADA –	12
DENIS FONTENELE – FESTADA FIRMA.MP3 –	13
WIGVAN – ENTREVISTA COM STEPHANIE BORGES –	14
JOHN ROCHA – PURO LUXO PARA A FESTA –	20
MATEUS LIMA VELOSO – A FESTA DE CLASSE –	21
DANILO CHAVES – FUMO –	22
CAROLINA DE MENDONÇA – TENSÕES TRABALHISTAS –	23
ERIK CESCHINI PANIGHEL BENEDICTO – FRUTINHE-SE –	26
MARCO MAGOGA – PROCEDIMENTO –	27
LUCIA ROSA – ORA PRO NOBIS –	30
DANIELLA CHAVES – O QUE FAZ ANOS –	31
REGINALDO LUIZ CARDOSO – BANQUETE PARA OS GENOCIDAS [I] –	32
ROMEU CASTRO – CONTANDO AS TATUAGENS DO COLEGA DA FIRMA –	33
ROBERTO VICTOR – VAQUINHA PARA FESTA DA FIRMA –	36
JEANNE O. SANTOS – FICA O ALERTA –	37
ROMÁRIO – CHEGANDO DISCRETA NA FESTA DA FIRMA –	39
AMANDA WANDERLEY – FESTA ESTRANHA....EU NÃO TÔ LEGAL–	40
PETROVNA ANDERSON – (TRÍPTICO) DRAMA –	41
DANILO CHAVES – KARAOKÊ –	44
TIAGO CAMPOS – EU LEVO OS PETISCOS –	45



Resumo mensal da jornada de trabalho

Colaborador:	
Empresa:	Identidade:
Departamento:	Mês e Ano:

HORA DE ENTRADA	HORA DE SAÍDA	TEMPO DE ALMO
09:00	18:00	01:00
09:00	19:00	01:10
10:00	18:00	00:45
09:30	19:00	00:50
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:30
09:00	18:00	01:30
09:00	18:00	00:45
09:00	18:00	00:45
09:00	18:00	01:30



FRUTA BRUTA LTDA.



AUMENTO



DANILO CHAVES

Escritório. A porta entreabre temerosamente.

Hamletiktoker

Dona Fruta... Dona Bruta... licença?

Bruta

Hamletiktoker, meu anjo, vai entrando, vai entrando.

Fruta

Senta.

Bruta

Em que podemos ajudar?

Hamletiktoker (hesitante)

É que... eu... né? É...

Fruta

Desembucha.

Hamletiktoker (Titubeia. Fruta bufa. Ele fala de um golpe)

Vai fazer um ano que eu tô na empresa e até hoje não tive aumento.

Bruta

Ah mas é isso?! Acabamos de falar com Helmer-meia e a Nora-meia... num foi, Fruta?

Fruta

Foi.

Bruta

Os dois também achavam que era hora de um aumento... No que têm toda razão!

Fruta

Toda. (Para Hamletiktoker) Água? (Hamletiktoker aceita. Oferece um copo)



Bruta

Fruta, sua distraída! Tem uma manchinha no copo. Dá aqui que eu resolvo. (pega o corpo sem vida de Helmer-meia com o qual limpa o copo. Para Hamletiktoker aterrorizado) Como eu dizia, meu anjo, eles também queriam um aumento. Mas nós conversamos com os dois e mostramos que era uma péçima idéia. (ri cristalinamente da própria piada) Entendeu?

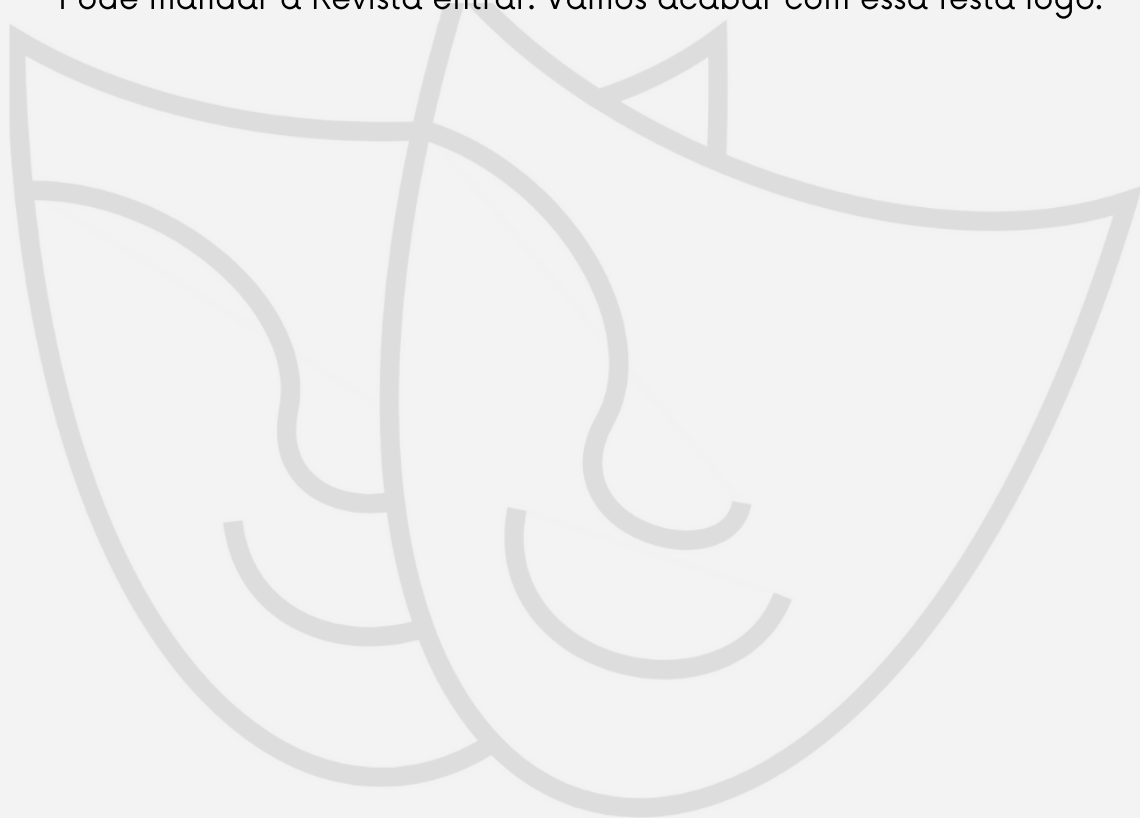
Hamletiktoker (saltando da cadeira)

Entendi, Dona Bruta, entendi! Licença, viu? Licença, desculpa incomodar. (sai correndo)

Bruta pega o telefone e fala com o secretário.

Bruta

Pode mandar a Revista entrar. Vamos acabar com essa festa logo.





FRUTA BRUTA LTDA.



A FESTA NA FIRMA ERA UM FIASCO



VALDECK
ALMEIDA
DE JESUS

Eu fui trabalhar numa empresa que tinha fama de chique, certinha, tradicional etc. Não era o meu sonho de consumo, nem fazia parte do ambiente social onde nasci e cresci. Para ilustrar, eu sou filho de pais analfabetos, ambos trabalhadores braçais, não conheci avós nem outros parentes. Natural de Jequié-BA, vim da favela, da Rua da Banca, cafundós da cidade, onde ninguém queria morar. Era uma casa alugada, de paredes de taipa (varas entrelaçadas cobertas por barro e telhado de palha), numa ribanceira. De um lado, o "corredor", local de passagem de boiadas para as fazendas distantes. Do outro lado, uma ruela de barro batido, lama no inverno e muita poeira no sol escaldante de 50 graus da Cidade Sol. Era vizinho do Brega de Tete, um lugar onde as mulheres e homens aproveitavam o melhor da vida.

Dali para a delinquência seria o caminho previsto. Mas os planos de minha mãe eram outros. Ao contrário do que o país da época do pós Ditadura e, infelizmente, o país do pós Golpe 2016 insistem em empurrar seus filhos. Dona Paula Almeida de Jesus, que usou muletas e cadeira de rodas por muitos anos, colocou a mim e aos sete irmãos na escola. Nem todos conquistaram um diploma de nível superior, mas nenhum herdou a fome que nos acompanhou por longas datas.

Trabalhei limpando quintal, carregando compras na feira em um carrinho de mão improvisado, lavando copos e pratos em barzinho, de balconista, feirante, ajudante de pedreiro, vendedor de bombom nas esquinas da vida, costureiro de bolsas e cintos, açougueiro, trabalhador de roça de cacau, cobrador de ônibus, atendente de hotel, lixeiro etc. Sempre estudando à noite e incentivando aos irmãos a estudar e trabalhar. Finalmente, um emprego fixo, com salário digno, na tal empresa chique.

Eu nunca me senti encaixado naquele ambiente, mas era dali que eu tirava o sustento. Tinha que vestir roupa social, para crítica de amigos, que me perguntavam por quê eu vestia roupa de morto. Hahahaha. Para meu grupo social, a roupa engomada, sapato de couro, gravata, meias brancas etc era a vestimenta de defunto, a última homenagem que se faz aos entes queridos. Para mim, era um sacrifício necessário, para não sair da linha. O povo do trabalho vigiava o tamanho da barba, os gestos das mãos, as



palavras que eu errava a pronúncia ou usava como era costume em Jequié. Café “resquetado”, por exemplo, que para mim fazia todo sentido (ré – esquentado, ou seja, esquentado de novo), embaixatriz, que eu achava que era o feminino de embaixador, dentre outras.

Era uma tortura mental ter que mudar todo o meu vocabulário, concordar com coisas absurdas e comer em restaurantes, somente para não perder a vaga nem contrariar os costumes da maioria. E negar minha espontaneidade, tolher minha verve humorística, fingir que estava sempre feliz, estampando um sorriso falso no rosto... Mas o que não se faz por um bom salário que garante uma sobrevivência digna?

Porém, como toda encenação, nem sempre o que está na cena é a essência das pessoas, o teatro inteiro ruía quando chegava o tão esperado e famigerado Dia da Festa da Firma. Eu, que já estava envenenado pela convivência, identificava o grau de álcool pelo tom de voz e trejeitos dos colegas de jornada, pelas escorregadelas de todo tipo. Mas o cume de tudo era na hora que a mesa era posta, depois de algumas horas de rega bofe com vinhos, cervejas, alguns salgados e doces. Geeeeente, parecia que a mesa era a senha para que todas e todos perdessem a compostura e mostrassem todo o lado grotesco daquele povo. Corriam feito bestas esfomeadas, se empurrando e reclamando, cada um/a querendo ser o/a primeiro/a, com as mais estapafúrdias e esfarrapadas desculpas. Eu via gente cusbindo em guardanapo e colocando em um cantinho, entupindo a boca além do que podia mastigar e engolir, esbarrando nas panelas, enchendo ‘quentinhas’ previamente providenciadas, fazendo sacolinhas de comida e guardando nos pertences, arrancando os enfeites e, literalmente, roubando talheres, taças e tudo o que pudessem esconder, numa competição louca para ver quem se saía melhor, para depois contar vantagens em seus grupos particulares. Entretanto, no retorno ao trampo no próximo dia útil, ninguém comentava as arruaças e a falta de decoro, todo mundo era acometido de uma amnésia providencial e as caras e bocas voltavam a ilustrar os gestos e modos, por milagre! Minha mãe deve se acabar de rir no túmulo, se ela tiver como ver como eu me comporto nesses ambientes. Sempre fui um crítico ácido dos costumes e, de alguma forma, me vingo dos ‘educados’ e ‘polidos’, guardando as incongruências que observo e as transformo em literatura...



FRUTA BRUTA LTDA.



DESCULPINHA ESFARRAPADA

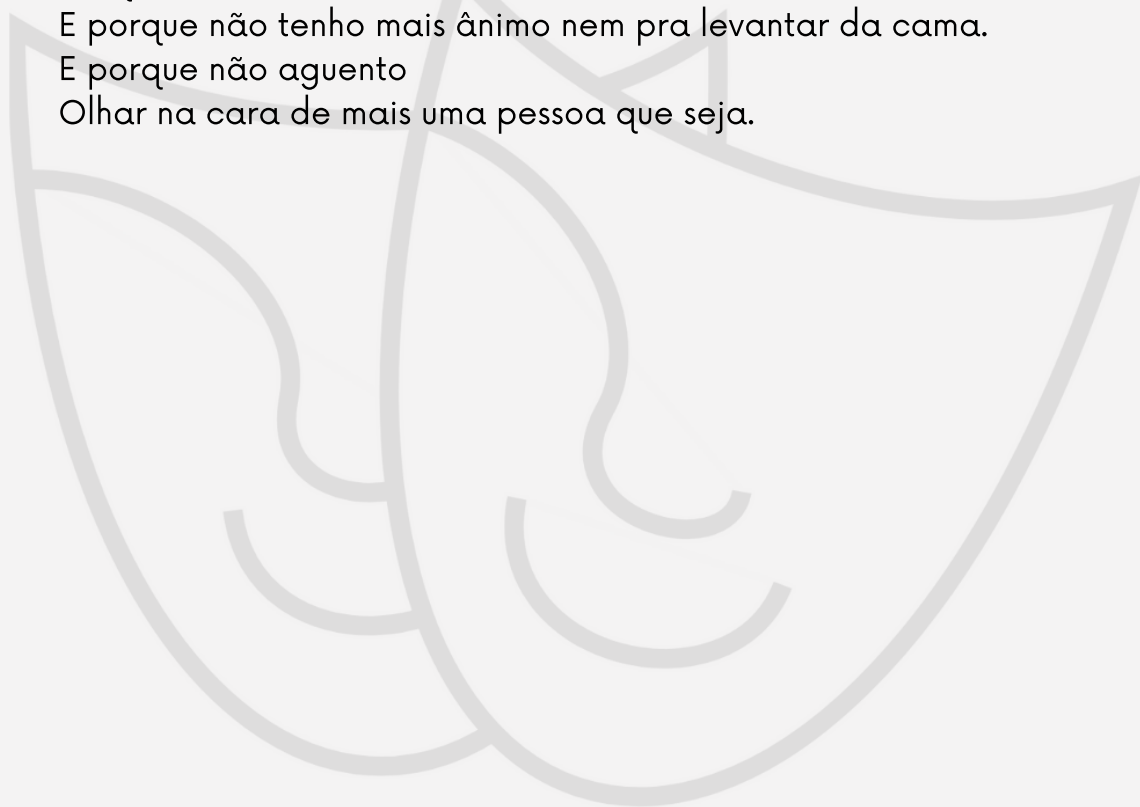


Hoje vai ter festa na firma.
Todo mundo anda há tempos animado,
Pois vão logo vestir suas camisas polo
E sapatênis favoritos.
Também vai voar o blush, o rímel
E esses outros apetrechos de maquiagem
Que desconheço.
Um festão,
Pena que eu não vou
Porque estou com enxaqueca.
E também porque já tinha um compromisso.
Além disso, não tenho carona.
Pior ainda, não tenho roupa pra ir.
Não tenho nenhuma roupa, na verdade,
Pois esqueci de tirá-las do varal.
Esqueci também o feijão no fogo,
E o cachorro acabou comendo meu dever de casa.
Ah, a festa vai ser uma beleza.
Vão servir camarão,
Mas sou alérgico.
Vão servir gin,
Mas eu não bebo.
E, mesmo se bebesse,
Não beberia gin porque é muito doce.
Todo mundo foi convidado pra festa na firma,
Mas eu tenho certeza
Que a menina do RH não vai com a minha cara,
E o patrão fala mal de mim
Quando vou pegar meu café descafeinado
No armário da sala dos funcionários.
Também sou péssimo com festas.
A última vez que fui numa festa
Acharam a maior chatice,
E alguém vomitou,
E a cozinha pegou fogo,
E começou a chover e molhar a roupa dos outros
E só pra completar caiu um raio em cima.

IAN
ANDERSON
GOMES
DIAS



Ninguém pode perder a festança que a firma vai fazer
Mas eu não vou porque
Amanhã é dia de um santo alemão que eu esqueci o nome,
E nesses dias de santo é melhor ficar em casa
Senão é mau agouro.
Festa de arromba na firma até o Sol raiar.
Eu até iria
Se não tivesse machucado o tornozelo,
Se não fosse tão tarde,
Se não fosse tão cedo,
Se não fosse tão longe de casa,
E se Plutão não fosse um planeta anão.
Não é má vontade.
O patrão chamou pessoalmente,
Só não vou
Porque não é bem meu estilo.
E porque não tenho mais ânimo nem pra levantar da cama.
E porque não aguento
Olhar na cara de mais uma pessoa que seja.





FRUTA BRUTA LTDA.



PATUSCADA



DANIELLA
CHAVES





FRUTA BRUTA LTDA.



FESTADA FIRM
A.MP3

Toma mais um gole, vira o shot, sobe na mesa e vai firme na festa da firma

- 01 - As Meninas - Xibom Bombom
- 02 - Kelly Key - Cachorrinho
- 03 - É O Tchan - Pau Que Nasce Torto / Melo do Tchan - Medley
- 04 - Vanessa da Mata - Ai Ai Ai
- 05 - Rouge - Ragatanga (Asereje) - Versão Editada
- 06 - Gil - Maionese (Mayonesa)
- 07 - Skank - Jackie Tequila
- 08 - Anitta - Movimento da Sanfoninha - Ao Vivo
- 09 - Ivete Sangalo, Tatau - Arerê - Ao Vivo
- 10 - Carrapicho - Tic, Tic, Tac
- 11 - Vengaboys - Shalala Lala
- 12 - Rednex - Old Pop in an Oak
- 13 - Furacão 2000, Bonde do Tigrão - Tchutchuca Techno
- 14 - Ara Ketu - Ara Ketu Bom Demais
- 15 - P.O.Box - Papo de Jacaré
- 16 - Terra Samba - Carrinho de Mão
- 17 - Netinho - Milla - Ao Vivo em Aracajú / 1996
- 18 - Timbalada - Água Mineral

Para acompanhar

Spotify:

<https://open.spotify.com/playlist/7Kq8klysAMto9EuYSMtYix?si=01e960aacecd45b2>

Deezer: <https://deezer.page.link/qi94fZy2y5j46AXx8>

DENIS

FONTENELE



FRUTA BRUTA LTDA.



ENTREVISTA COM STEPHANIE BORGES



WIGVAN

WIGVAN: A criação literária sempre pareceu algo restrito a homens, brancos e ricos por todas as questões sociais e políticas envolvidas, como o acesso à educação, tempo para escrever e dinheiro para publicar. Você considera que, nos últimos quarenta anos, com toda a revolução midiática, por um lado, e uma atuação cada vez mais potente dos movimentos sociais houve uma mudança significativa nesse panorama ou, apesar da oportunidade de se ler outras vozes, o público geral ainda elege as mesmas de outrora?

STEPHANIE BORGES: Eu acredito que todas as pessoas consideradas minorias sempre escreveram, dentro de suas possibilidades, e o maior exemplo é Carolina Maria de Jesus. A dificuldade são os meios de publicação e reconhecimento dessas obras nos chamados círculos literários. Há editoras independentes como a Mazza, dedicada literatura infantojuvenil e livros sobre educação, a Quilombhoje que edita os Cadernos Negros há 40 anos, a Malê e a Nandyala, a Figura de Linguagem que priorizam a publicação de autores negros. O que está acontecendo atualmente é uma mudança na divulgação e circulação dessas obras. Leitores negros, LGBTQs estão procurando livros que dialoguem com suas questões, organizam canais, perfis, podcasts, clubes de leitura, e esse movimento foi percebido pelas editoras que estão atendendo a esses interesses.

Acho que são muitas disputas acontecendo ao mesmo tempo. As festas literárias e júris de premiações já observaram como a presença das "minorias" enriquece os debates literários contemporâneos, alguns veículos da imprensa estão percebendo a importância de diversificar seus críticos, há mais autores negros nas listas de mais vendidos, então eu acho que hoje, já podemos dizer ao pensar no "escritor brasileiro" a imagem que nos vem à cabeça não é só a do homem branco de classe média como era há alguns anos, embora as grandes editoras tenham demorado mais a se preocupar com a diversidade seus catálogos.

É muito difícil falar de "público geral" no Brasil, mas acredito que hoje, quem quiser encontrar literatura feita por pessoas negras,



indígenas, LGBTs consegue se informar na internet com mais facilidade, ainda que tenha que encomendar direto de editoras pequenas. É bem diferente da situação há uma década em que nós mal ouvíamos falar desses autores, não sabíamos como ter acesso às suas obras.

WIGVAN: Em 2015 eu trabalhei com uma turma, em uma escola de periferia, o livro *O quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Foi uma experiência muito intensa porque meus alunos ao mesmo tempo em que se reconheciam pela primeira vez em um livro, tinham uma certa estranheza ao verem toda essa experiência, tão íntima a eles, em uma linguagem próxima a deles, em um livro. Era como se tivesse um descompasso entre a vida que eles viviam e uma experiência de vida que merecesse ser chamada de literatura. Algo semelhante aconteceu quando eu trabalhei algumas das suas poesias, do livro *Talvez precisemos de um nome para isso*. Uma aluna me disse algo como “Nunca imaginei que meu cabelo pudesse ser uma poesia.” Como você pensa esse descompasso entre a literatura que se ensina e a vida da maior parte da nossa população? Você pensa que essa ideia que parece ser construída, de que literatura é algo feito por, sobre e para um grupo muito restrito de pessoas possa inibir o desejo de quem não pertença a esse grupo de desenvolver suas próprias criações literárias?

STEPHANIE BORGES: O racismo é algo muito complexo, e embora eu entenda que desumanização de pessoas negras se deu inicialmente para o uso dos corpos como força de trabalho, essa desumanização vai se estendendo em outros aspectos da vida: na proibição das práticas religiosas, de aprender a ler e escrever, de manter vínculos afetivos e familiares. Então, embora exista toda uma cultura negra que era oral e se manteve, a expressão artística negra pela música, por outro lado há aqueles que se apaixonaram pela leitura e a escrita e encontraram muitas dificuldades para publicar suas obras e de terem a qualidade de sua produção reconhecida em vida. É o caso de Lima Barreto.

Houve séculos de proibição e falta de acesso a oportunidades, somados uma ideia restrita do que seria universal, um cânone criado por homens brancos, a crítica literária acadêmica ou na imprensa que diante de obras relevantes de pessoas negras a tratavam como uma exceção, tudo isso se acumula. E aí tem o leitor. Há alguns anos eu me pergunto se as pessoas se interessam pouco pela leitura no Brasil por uma confluência entre a forma como os livros e a literatura são apresentados, como algo distante na nossa vida, mas se isso também não tem a ver com a dificuldade de encontrarmos histórias que que se relacionem com as nossas experiências.



STEPHANIE BORGES: Eu passei muito tempo em salões de cabeleireiro lendo livros e revistas na minha adolescência esperando a química fazer efeito e tirar o volume dos meus fios, mas só fui ler um livro em que a protagonista alisava o cabelo e fazia uma transição para voltar aos cabelos naturais com quase 30 anos, quando li *Americanah* da Chimamanda Adichie. A questão é: se você não se vê num livro, como pode sentir que sua história tem valor o bastante para ser registrada? Se você quer escrever, mas tem que escrever sobre questões outras, pois as que te atravessam não são “universais” ou “relevantes”. Se você publicar, parte de quem ler e resenhar não vai entender e reduzir a uma reação ao racismo/machismo. Além de toda essa estrutura, precisamos lembrar que o escritor no Brasil sempre tem outros trabalhos: dá aula, escreve em jornal, trabalha em editora, traduz, faz pesquisa acadêmica. Então a pessoa precisa muito querer escrever para fazer isso apesar de tantos fatores contrários. No entanto, quando há mais literatura de autores negros disponível, quanto mais contato temos com esses textos que se relacionam com nossos corpos, nossas famílias e experiências de estar no mundo, mais nos parece possível escrever apesar das dificuldades.

WIGVAN: Ainda falando sobre esse descompasso entre a educação e a vida, uma grande parte da população não tem acesso à literatura e isso vai muito além do preço do livro. Há bibliotecas, com livros gratuitos, há inúmeros sites que oferecem livros gratuitos para download, há livros usados para a venda por um preço razoável. No entanto, nós temos pessoas que trabalham oito horas por dia em serviços com grande desgaste físico e emocional, depois da jornada ainda enfrentam outras horas em um transporte público indigno e, em boa parte dos casos, ainda têm uma jornada de trabalho a cumprir em casa. Além de tudo isso, ainda temos uma educação que não cria o desejo pela literatura e há um entendimento geral de que a literatura é um cansaço a mais, inconcebível de ser colocado em uma rotina já tão exaustiva. Como pensar no papel libertário da literatura se ela ainda não alcança uma grande parte da nossa população? Podemos falar, na sua opinião, em uma responsabilidade das pessoas intelectuais em mudar esse cenário, já que se esperamos pela classe política, que se beneficia da ignorância, isso nunca ocorrerá?

STEPHANIE BORGES: Durante os anos em que trabalhei dentro de editoras, quando se falava em formação de leitores, a conversa costumava ir para “formar leitor é responsabilidade da escola, da família”, como se o leitor não fosse uma figura essencial para o mercado editorial. Esse tipo de conversa me angustiava, porque fala-se que o brasileiro não lê, ou lê muito pouco, desconsiderando



por exemplo, como existem escolas públicas que têm biblioteca ou sala de leitura, mas não tem um profissional ali dedicado para fazer atividades de mediação, para estimular o contato das crianças com livros, pois volta e meia eles são deslocados para a sala de aula por causa da falta de professores nas redes públicas. Eu não sei como pensar o caráter libertário da literatura, porque antes de tudo, precisamos que as pessoas leiam. Por prazer, para se desligar das redes sociais que estão lhes trazendo raiva e frustração, para se distrair da viagem no transporte público se conseguirem ler dentro do ônibus, do trem, do metrô. Em relação ao papel de intelectuais, pessoas públicas e até os chamados influencers, acho que existe uma responsabilidade de desmistificar a leitura. De encorajar as pessoas a lerem pelo prazer. Nem todo leitor vai se interessar por poesia, ou por conhecer obras do mundo inteiro, pode preferir os contemporâneos aos clássicos, mas acho que só se aproxima da literatura quem não vê no livro um mistério. Quem não encara a leitura como algo trabalhoso.

Acredito que se todo mundo que gosta de ler incorporar algumas práticas como dar livros de presente para amigos e familiares, especialmente para crianças, se quem fala de livros na internet apresentar suas leituras sem tratar sua experiência como uma "meta" ou simplesmente tiver uma atitude que compartilhe a alegria que a leitura lhe traz, isso já é algo importante. Porque é claro que temos leituras desafiadoras, livros que abandonamos, mas se nós focarmos nas experiências, em como a leitura enriquece a vida, acho que isso vai reduzindo as barreiras. Cabe a nós leitores estimularmos as outras pessoas a gostarem ler, não num processo de conversão, mas justamente porque não podemos confiar em projetos políticos que se beneficiam da exclusão e da desigualdade. Quanto mais leitores, mais chances de termos um mercado editorial saudável e diverso.

WIGVAN: Outro aspecto importante que eu vejo é o acesso ao aprendizado de línguas estrangeiras. Como pensar esse debate, muito necessário, para além dessa chave da "meritocracia" que entende todas as dificuldades estruturais como "falta de esforço individual"? Por fim, como você também é tradutora, como podemos analisar a importância social da tradução?

STEPHANIE BORGES: Bom, eu não sou uma especialista em educação para falar de democratização do ensino, mas acho que combater essa mentalidade meritocrática é urgente, afinal muitas pessoas não conseguem estudar porque estão trabalhando para ajudar sua família ou garantir sua sobrevivência. Nós acabamos de ver um ENEM, realizado durante uma pandemia, não apenas colocando jovens do Brasil inteiro em risco de contágio, mas um



percentual altíssimo de ausências provocadas por diversos fatores, que vão do transporte, a confiança desses alunos em seus estudos, a situação de suas famílias nesse momento de crise sanitária.

De modo geral, acho que a política de cotas fez com que as universidades percebesse que existem diversos desafios que vão das realidades dos alunos até os questionamentos que esses jovens fazem em relação a bibliografia. Essa juventude que pede a inclusão de autoras, de filósofos negros, teóricas feministas ou que lê por conta própria e usa essas referências em seus trabalhos é importantíssima, porque estão despertando questionamentos dentro da sala de aula.

Como tradutora de teoria feminista, posso dizer que a adoção de certas obras pela universidade em inglês às vezes é um critério que contribui para a decisão de uma editora investir na tradução de uma obra, mas não é uma regra. Por outro lado, a tradução tem esse caráter social de acesso no qual muitas pessoas não pensam. Mesmo entre pessoas que falam um idioma, existem diferentes níveis de habilidade e fluência, uma pessoa pode ler um romance com tranquilidade, mas ter dificuldades de acompanhar um texto de filosofia se não for leitora deste tipo de texto também em português. Então a tradução, especialmente de autoras importantes que permaneceram inéditos por décadas como Angela Davis, bell hooks, Patricia Hill Collins e Audre Lorde é importante para diversificar nossos referenciais teóricos, mas também porque interesse por esses livros abre caminhos para a recuperação dos textos de Lélia Gonzalez, uma grande pensadora brasileira que tinha textos dispersos, ou reunidos em publicações independentes, e teve parte de sua obra organizada numa antologia.

No entanto, esses livros precisam estar disponíveis para os estudantes, seja na biblioteca da universidade, via políticas de vendas diretas com descontos feitas pelas editoras, feiras organizadas em parceria entre livrarias, distribuidores, as próprias editoras e a universidade. A Festa do livro da USP e outras feiras realizadas dentro dos campi ante da pandemia mostraram o potencial dessas iniciativas e eu tenho esperança de que, neste momento em que sabemos que o governo não vai fortalecer as universidades, a realização dessas "feiras online" contribuam para um debate sobre a demanda pelos livros e o acesso, pois muita gente compraria mais livros se coubesse no seu orçamento. As pessoas repetem muito que livro é caro, e às vezes é mesmo, mas antes de tudo isso, precisamos reconhecer que todo o nosso custo de vida é caro, então o valor médio do livro corresponde a uma parte significativa da renda familiar, o que também afeta na formação dos estudantes que gostariam de comprar seus livros, mas têm outras prioridades.



WIGVAN: Duas obras muito importantes para o feminismo negro, *Woman, Race and Class*, da Angela Davis, e *Ain't I a woman?*, da bell hooks estão quase completando quarenta anos de publicação. O que essas obras ainda têm a dizer para o mundo em que vivemos hoje? Qual a relevância dessas – e de outras autoras e pensadoras negras – para que possamos descolonizar o nosso pensamento?

STEPHANIE BORGES: O mundo em que vivemos hoje mostra claramente como diante das crises do capitalismo, as vidas das mulheres, das pessoas negras e LGBTQs se torna ainda mais vulnerável, porque as forças conservadoras se alinham tentando retirar direitos ou naturalizar violências históricas que só reforçam as desigualdades. Então é importante ler *E eu não sou uma mulher?*, de bell hooks, *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis, *Irmã outsider*, de Audre Lorde, porque esses livros nos dão uma perspectiva de que muitas das nossas lutas hoje são a continuidade de outras, travadas há décadas. E ainda que estejamos falando de autoras dos EUA traduzidas recentemente, existem pontos em comum na articulação das lutas contra o racismo e o machismo lá e a aqui. A condução da segurança pública, a violência policial e nas políticas de encarceramento precisam mudar nos dois países. Assim como a desigualdade econômica e a violência doméstica que afeta especialmente as mulheres negras. Essas são realidades que infelizmente perduram e ainda precisamos lutar para transformá-las.

E esses livros não são denúncias de realidades duras, mas reflexões que surgem a partir de experiências na sala de aula, de vivências familiares, são produções intelectuais que misturam vivências, estudos, trabalho e a articulação do que se aprendeu nesses percursos. Então são livros que nos convidam a olhar o mundo de outra forma, mas também a agir de alguma maneira diante de todo o ódio, a indiferença e o cinismo que vemos na nossa sociedade hoje e resulta nesse cenário terrível de pandemia.

Stephanie Borges (Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1984) é uma jornalista, poeta e tradutora brasileira. Graduiu-se em Comunicação Social pela UFF. Trabalhou em agências de comunicação e nas editoras Cosac Naify e Globo Livros. Traduziu obras de bell hooks, Claudia Rankine e Audre Lorde. Publicou poemas nas revistas Garupa e Pessoa. Seu primeiro livro, *Talvez Precisemos de um Nome para isto*, uma reflexão sobre a consciência da mulher negra, foi o ganhador do Prêmio Cepe Nacional de Literatura de 2018 na categoria Poesia.



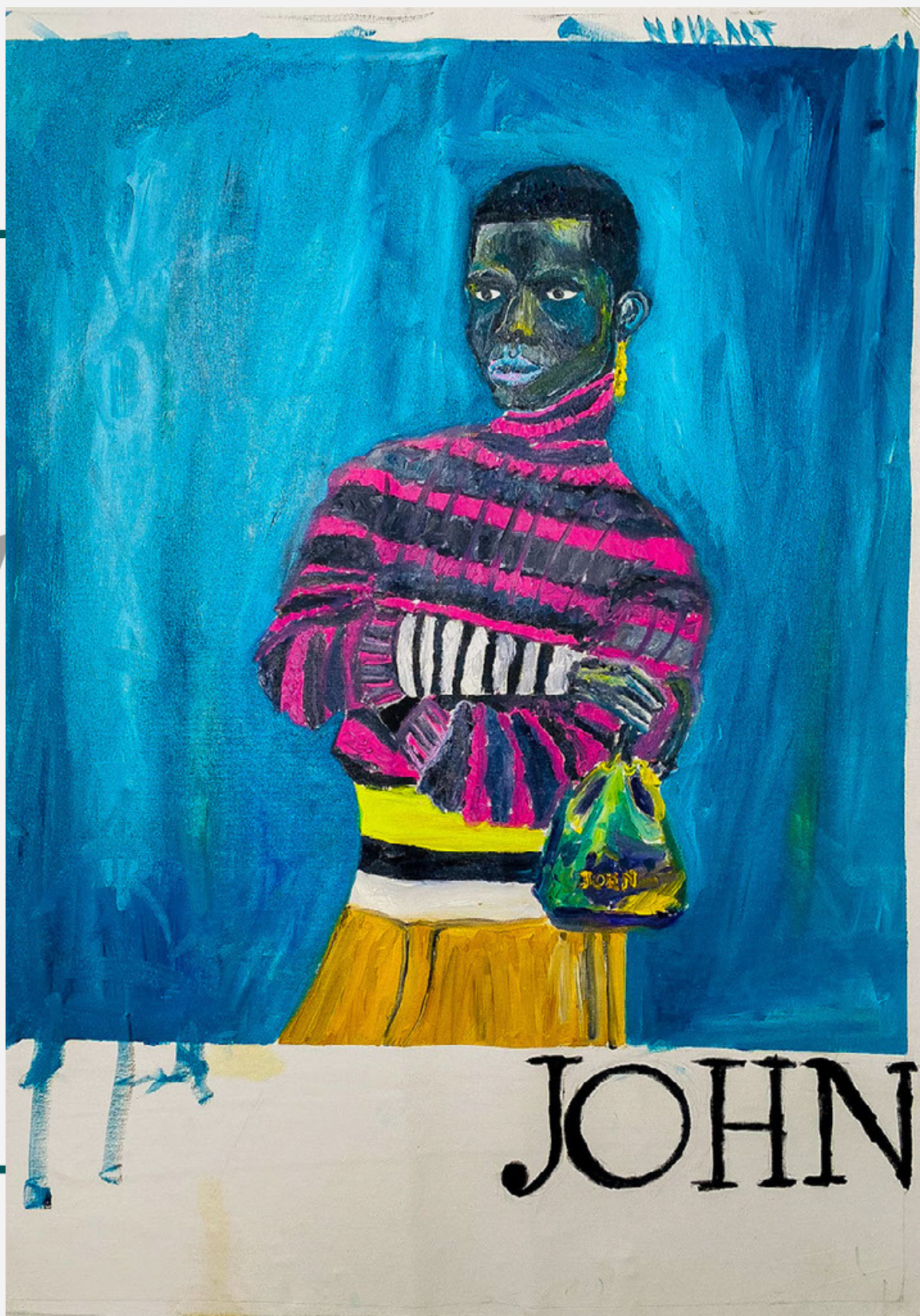
FRUTA BRUTA LTDA.



PURO LUXO
PARA A
FESTA



JOHN
ROCHA





FRUTA BRUTA LTDA.



A FESTA DE CLASSE



MATEUS

LIMA

VELOSO

Sexta-feira seis da tarde
Balões, bolo, salgados e cerveja
Hoje é dia de festa
Os trabalhadores comemoram
Muita comida e bebida
Para esquecer-se do trabalho
Conversas e risadas se espalham
Pela firma lotada
E assim
Por uns instantes
Todos esquecem que são explorados
As horas passam
E o estranhamento acaba
Logo a garota do almoxarifado
Está dançando com o cara da segurança do trabalho
Já muito embriagadas
As estagiarias se abraçam
E o cara da contabilidade chora por ter sido rejeitado
Pela gata da publicidade
O gerente ranzinza sorri
Enquanto conversa com a secretaria sobre a Fashion Week
No banheiro
Uma bacanal acontece
Entre o jurídico e a o pessoal do T.I
Mas claro tudo no sigilo
Ninguém pode descobrir
Por fim se vê o patrão
Que passou rapidinho por ali
Ele não poderia se encontrar mais feliz
Por que com uma festa chinfrim
Ele terminou com um piquete
Pelos salários que haviam diminuído
Assim festa termina
E todos voltam as suas rotinas
Incrivelmente satisfeitos
Por um pouco de entretenimento.



FRUTA BRUTA LTDA.



FUMO

Chen Te (para os empregados da Fábrica de Tabaco de Setsuan)
Arroz e cigarro para todos! Festejem, meus amigos! (sai)

Os empregados festejam. Uns comem, outros fumam.

Empregados

"boa Chen Te", "É o Anjo dos Subúrbios", "É a nossa salvadora" etc

Entra Chui ta com o Policial.

Chui ta (olhando em torno)

Para usufruir dessa festa são 100 dólares de prata. Quem não puder pagar agora terá o valor descontado do seu salário. Festejem. (sai)

Os empregados em coro (cantando)

Se na festa tudo vai bem
Se a comida vai e vem
E na fábrica descansa a mão
Leva fumo do patrão

Se na festa sobra alegria
E gargalha toda família
E na fábrica tudo chão
Leva fumo do patrão

Se na festa chega a hora
Que o patrão mais adora
E o empregado diz não
Leva fumo do patrão

DANILO CHAVES

Só a Cabecinha ep49 - A Alma boa de Setsuan
<https://youtu.be/wxDKq-GEdbU>



FRUTA BRUTA LTDA.



TENSÕES TRABALHISTAS



CAROLINA
DE

MENDONÇA

Estava tudo ok para Juliana na festa da empresa. Bebia pouco e buscava comer bastante para não falar nenhuma besteira.

— Oi! — Disse Gabriel a todos.

— Oi! — Juliana falou meio sem jeito, meio em sobressalto

— Tá com alguém? — Gabriel estava visivelmente confuso

— Hã? — Juliana respondeu assustada

— É que... nunca te vi no escritório. Você veio acompanhar alguém?

— Ah não! To trabalhando em home-office. Não sabia que cê tinha mudado de empresa.

— Faz pouco tempo. Você tá bem? — Gabriel não sabia o que dizer

— Eu to sim... E você?

— To bem. Fico feliz por você — Gabriel quase gaguejava

Eduarda chamou Juliana para fumar na varanda no andar de cima da casa. Levaram algumas cervejas e sentaram onde poderiam ver o movimento da festa.

— O que tem entre você e o Gabriel? — Eduarda perguntou enquanto acendia um cigarro — Quer?

— To parando — Ju recusava

— Bonito — Duda tragava — Me conta a fofoca

— A gente namorou há uns anos, chegamos a noivar — Juliana falou com certo pesar

— Puta que pariu! — Eduarda se empolgou

— Fizemos pacote de um ano de academia juntos pelo desconto. Em dois meses precisamos ir em horários diferentes. Ele se interessou por outra menina de lá, terminou comigo e menos de um mês depois postou foto a apresentando como namorada. Excelente profissional, já como namorado tenho minhas ressalvas.

— Disse Juliana em meio a um suspiro

— Eu quase dei em cima dele quando ficou solteiro

— Ele tá solteiro? — Juliana não escondeu a surpresa

— Se tá não sei, mas terminou há uns dois meses e não vi postando foto com mais ninguém.

— Hm. Ele era dedicado para dar prazer, mas ruim de flerte. — Juliana explicou

— Não tenho paciência para homem que não entende. E não gosto de homem escroto — Eduarda disse meio revirando os olhos. Um carro estava estacionando nas proximidades e Juliana ficou curiosa, pois parecia o carro de um queridíssimo amigo.



Era Saulo.

— Puta merda... Eu to dando pro cara que acabou de chegar. Pior que dele eu realmente gosto... — Juliana falava se escondendo.

— O Saulo?? Achei que era gay! — Eduarda estava impressionada com a situação. — Que legal você tá dando pro chefe...

— Legal como? Meu boy, meu chefe e meu ex estão na mesma festa. — Juliana abriu outra garrafa.

— PERA LÁ! — Duda estava confusa — Eu me referi ao Saulo. Você também tá pegando o Gustavo?

— O Saulo é chefe?

— É o diretor de marketing. Um dos fundadores. GMS, Gustavo, Mário e Saulo. — Duda explicava achando interessante toda situação.

— Caralho. Só falta dizer que o Mário se chama Mário Silveira e tá morando no Chile.

— Você deu pro Mário? — Eduarda estava encantada com os desdobramentos da fofoca.

— Sim, atrás do armário. HAHA. É esse Mário? — Juliana mais séria mostrou a foto no Whatsapp do Mário que ela se relacionou.

— Você caiu numa maldição de homens low profile que no final são amigos. Melhores amigos — Duda ria enquanto falava. — Mas vamos recapitular para eu confirmar a fofoca.

— Tá... — Juliana bebia a cerveja quente e pedia um cigarro — Eu to com dois boys lá embaixo. E são melhores amigos. E por um eu sou apaixonada. E meu ex tá lá.

— Massa... — Duda estava abismada com a história.

— Tá, vamos organizar, pois sou de virgem. O Gabriel foi meu noivo há 3 anos.

— Ok, to acompanhando

— Conheci o Mário há um tempo no tinder. A gente se deu muito bem. Bem mesmo. Até hoje bate uns momentos de tesão aleatórios e a gente faz sexting. — Juliana olhava de forma vaga lembrando das fotos de Mário. — Depois conheci o Saulo... Ai, foi de forma aleatória, a gente sempre frequentava um mesmo restaurante. A gente passou um tempo sem se falar direito e voltamos na última semana. E foi... Ai. É mágico. Nem com o Gabriel eu me senti assim. Nem com ninguém. A gente funciona bem, a gente transa bem. Eu to apaixonada. Mesmo.

— E o Gustavo você conheceu na empresa?

— É... Ele me chamou pra sair. Eu tentei negar, pois meu chefe, mas achei excitante pra caralho. Ontem dormi na casa dele.

— Foda que ele é gostoso. E ele sabe que é gostoso — Eduarda falava com certa inveja.

— Tá... Agora como eu vou descer? Eu to com vergonha de toda situação — Juliana já estava um tanto bêbada.

Eduarda que também estava um pouco bêbada tentava pensar em como Juliana poderia voltar a festa sem um climão. O silêncio foi quebrado por algum casal que entrou no banheiro do quarto que elas estavam.



Eduarda se prontificou a olhar com bastante cuidado o casal e passaria as informações para Juliana que tinha dificuldade de ficar de pé. Juliana se aproximou da porta e pelo gemido Juliana falou através de movimentos dos lábios "Gabriel". Era certeza. Faltava saber quem estava com ele. Com bastante cuidado Duda empurrou de leve a porta que estava destrancada e viu quem estava com Gabriel.

Não era possível disfarçar o choque, Eduarda estava pálida como se tivesse testemunhado um assassinato e começou a repetir "vamos descer". Juliana insistia "quem tá com o Gabriel?", mas Eduarda puxava a colega de trabalho para descerem.

Impaciente e curiosa Juliana não aguentou e simplesmente abriu com tudo a porta. Gabriel estava de joelhos realizando um oral em Saulo. Ambos apenas paralisaram com o flagra. Eduarda também estava paralisada. Juliana por sua vez apontou para Saulo gritando

— Você GEME MUITO MELHOR QUE ISSO COMIGO! — Puxou a porta para fechar, para deixar que terminassem, mas logo desistiu e abriu novamente gritando — MAS APROVEITE QUE O GABRIEL É BOM EM ORAL!

E dessa vez fechou realmente a porta. Virou-se para Eduarda e gritou

—EU VOU PEDIR DEMISSÃO! E uma garrafa de uísque.





FRUTA BRUTA LTDA.



FRUTINHE-SE



ERIK

CESCHINI

PANIGHEL

BENEDICTO





FRUTA BRUTA LTDA.



PROCEDIMENTO



Sandra arrumou-se como pôde pra sair de dentro da cabine privativa do sanitário feminino. Na fileira de cubas do banheiro, as mulheres se alternavam para reforçar a maquiagem do dia e transformá-la em algo mais “festivo”; um delineado simples virava gatinho, um lápis de olho virava um esfumado, e as mais corajosas até se aventuravam pelos reinos do glitter e dos batons vermelhos. A profusão de olhares sedutores e bocas salientes contrastavam com os olhos inchados e vermelhos de Sandra. Ela mantinha a pose austera e tentava simular uma rinite alérgica tão potente que a deixasse naquela condição, mas qualquer olhar atento perceberia que ela havia chorado. Sorte que os preparativos para festa desviaram a atenção de sua dor. Retirou-se, decidiu tentar dar um jeito na aparência em sua estação de trabalho mesmo.

“Nada que um concealer Laura Mercier não dê um jeito”, pensou Sandra enquanto pegava na gaveta de sua mesa o tubinho milagroso estrategicamente posicionado. Foi subitamente atravessada pelo pensamento de que num futuro próximo havia a chance de não mais ser possível gastar o valor de uma compra de mês num cosmético. Como poderia ter sido tão estúpida, tão ingênua? Lembrou-se das primas que ficaram no interior; todas com no mínimo 4 filhos antes dos 30 anos, sem formação, sem trabalhar, dependendo de homens barrigudos de meia idade que apreciavam cerveja e destilados em demasia.

Ela era a esperança da mãe, também presa nesse ciclo, só que numa geração anterior. Sempre procurou honrar o sacrifício da senhora que se empenhou em esconder durante 20 anos os trocos da padaria e do mercado, vendia toda espécie de produtos por catálogo para a vizinhança, e com esse montante financiou os estudos da filha na capital. “Ah, essa vai trabalhar em prédio chique, ter vida boa, vou dar a ela a chance de escolher”, dizia a mãe, que marejou os olhos quando soube que a filha seria secretária executiva de uma multinacional. Nem sabia direito o que era isso, mas ficou tão empolgada que até queimou o feijão, um fato inédito naquela casa.

MARCO
MAGOGA



Sandra estava totalmente ocupada mergulhando na culpa e no sentimento de ser um desgosto para si e para os acreditaram nela quando o elevador apitou e dele saiu a Michele do Financeiro envelopada numa saia de paetês que poderia ser dois números maior e dez centímetros mais comprida. "Sandra, a moça do catering está com algumas dúvidas sobre onde montar a ilha de sobremesas e o DJ está resmungando sobre a ausência de um cabo de força que ele tinha solicitado...". Sandra interrompeu a lista de solicitações de Michele dizendo que já desceria até o salão de festas pra resolver tudo, enquanto questionava consigo mesma em que ponto da humanidade catering virou substituto chique para buffet, que já era um estrangeirismo super... over.

Definido o posicionamento das quiches e das tacinhas de crème brûlée e com os primeiros acordes da música genérica de festa de empresa ressoando pelo ambiente, Sandra recebeu uma mensagem no celular que só dizia: sala de reuniões. Ela sabia do que se tratava. O caminho de volta até o quadragésimo sexto andar pareceu uma eternidade, enquanto a mente de Sandra alternava por uma série de destinos alternativos que sua trajetória poderia ter dependendo das decisões que ela viesse a tomar. Mas era hora de parar com os devaneios e aceitar as cartas que a realidade lhe impunha.

Chegou à sala de reuniões e encontrou o chefe com as mangas da camisa arregaçadas, a gravata frouxa, um copo de whisky na mão e os olhos fixos num ponto vazio ao longe. O barulho dos saltos stiletto de Sandra, cuja cadência diferia um pouco da segurança usual com que ela conduzia seus passos no dia a dia mesmo se equilibrando em saltos que pareciam instrumentos de tortura, tiraram Carlos do transe em que estava. Ele olhou para os olhos de Sandra e disse como quem fecha um contrato de negócios: "O procedimento está marcado para amanhã às 14 horas. São três dias de atestado médico, já pedi pra um amigo colocar um CID de resfriado para não levantar suspeita no RH. Você tem uma amiga pra te acompanhar né?". A frieza da última pergunta foi o primeiro momento que ameaçou fazer com que o concealer da Miss Mercier não cumprisse o seu papel, mas Sandra conseguiu engolir o choro: "tenho sim".

"Você sabe que é muito importante que tanto você como ela sejam discretas a respeito do que aconteceu, né? Garanto que você será bem recompensada pelo seu silêncio". A última frase nauseou Sandra, e ela precisou se apoiar discretamente na mesa de madeira de laca para disfarçar as pernas que perderam a força por um momento. O suor de suas mãos deixaram marcas no tampo da mesa, e ela apenas conseguiu assentir levemente com a



cabeça. "Agora vai, aproveita a festa, finge que nada aconteceu. Você sempre foi muito profissional, sempre superou minhas expectativas, sei que vai se sair bem", disse Carlos com um sorriso de canto de lábios que impulsionou Sandra a dar meia volta e sair da sala antes de jogar o conteúdo do copo de whisky no rosto dele, como uma novela mexicana dos anos 90.

Entre um canapé e o show proporcionado pelo Edson do TI bêbado dançando Dancing Queen no centro da pista, Sandra conseguiu passar pela festa anestesiada e com um sorriso no rosto que a fazia questionar se todos conseguiam ver se era falso ou se nem ligavam pra isso porque o deles também era. Quando a equipe começou a se abraçar e pular na pista ao som I got a feeling That tonight's gonna be a good night, Sandra atingiu seu limite de tolerância e resolveu ir embora. Ainda ganhou ingressos para o camarote do show da Maria Bethânia num dos sorteios realizados na festa.

Na segunda feira, Sandra compareceu ao RH com o atestado dos três dias e com ele, sua carta de demissão. Não explicou porquês, ignorou as mensagens de Carlos, decidiu que nunca mais subiria ao quadragésimo sexto andar, nem para pegar na gaveta o tubinho tão caro que disfarçou suas lágrimas em momentos difíceis. Certamente a próxima garota precisaria dele. Ali, na terceira fila do show, Sandra deixou que Bethânia tornasse só seus os versos:

Vesti-me de sonhos
Hoje visto as bermas da estrada
De que serve voltar
Quando se volta para o nada.





FRUTA BRUTA LTDA.



ORA PRO
NOBIS



LUCIA
ROSA



FRUTA BRUTA LTDA.



O QUE FAZ ANOS



Estamos em pé. O silêncio tenta circular. Sorrimos sem dentes sempre que cruzamos olhares e balançamos a cabeça. A maioria das mãos presentes procura uma distração. Aquelas que precisam de validação seguram seus crachás. Algumas, mais emotivas, desassossegam as canetas e as que restaram estão escondidas. O silêncio pede socorro. No centro da mesa, abatidos e desajeitados, bolo e salgadinhos disputam espaço com a fileira de copos de plástico e o pacote de guardanapo de papel. A faca trazida da sala ao lado, chegando de última hora, observa de longe indiferente. Um dos minguados balões estoura. O estalo vermelho movimentava nossos corpos. Tirada do bolso da calça, a mão corre direto para boca assustada. Uma das canetas cai no chão, enquanto os dedos desocupados passam pelos cabelos acompanhando o sorriso que gangorra. Por um breve instante, as palavras e as risadas perambulam pelo espaço procurando um destino. De repente a porta se abre. O pesado alívio quase abafa a cadência repentina das palmas. Pupilas e gargantas socorrem as mãos cansadas que só esperam pela última frase: "muitos anos de vida". Deslocados os cumprimentos terminam aquietados nos copos e pratinhos. Estamos sentados.

DANIELLA CHAVES



FRUTA BRUTA LTDA.



BANQUETE

PARA OS

GENOCIDAS [I]



REGINALDO

LUIZ

CARDOSO



FRUTA BRUTA LTDA.



CONTANDO AS TATUAGENS DO COLEGA DA FIRMA



ROMEU CASTRO

Em 2018 eu trabalhava em uma multinacional. Certo dia, ao chegar no meu trabalho, logo no estacionamento vejo minha chefe estacionando o carro na vaga que era reservada a ela. Ela não estava sozinha como de costume. Estava acompanhada de um homem que eu, até então, não conhecia e não sabia o que ele estava fazendo ali. Nos cumprimentamos e entramos na empresa. Fiquei a alguns passos atrás deles e pela conversa percebi se tratar de um supervisor, vindo da matriz de São Paulo e que passaria alguns dias na filial onde eu trabalhava.

Seu nome era Sergio, alto, cabelo bem curto, usava a barba cerrada, olhos castanhos, boca grande e lábios carnudos, sorriso largo. Enquanto ele se apresentava - em pé na frente da sala para toda a equipe - não consegui assimilar uma só palavra do que ele estava dizendo, pois não conseguia parar de admirar tanta beleza em um homem.

Eu trabalhava em uma sala grande com mais 14 pessoas. Assim que terminou sua apresentação, Sérgio sentou em uma mesa ao lado da minha chefe, na frente da sala. Minha mesa ficava no final mas de onde eu estava tinha a visão de toda a sala. Não demorou muito, ele começou a ir de mesa em mesa e assim foi a manhã toda. Logo veio o horário de almoço e ele saiu com minha chefe. Passei todo o horário de almoço ansioso, pensando que ele também iria na minha mesa.

Todos voltaram ao trabalho, mas Sergio não voltou a visitar as mesas dos outros funcionários. Ficou o resto da tarde na mesa ao lado da minha chefe. O fim do expediente foi se aproximando e eu foquei no trabalho quando de repente percebo alguém na frente da minha mesa: era ele! Me desconcertei. Acho que dava para perceber meu coração palpitando de nervoso. Ele perguntou se poderia conversar comigo e eu não consegui responder, somente fiz sinal com a cabeça.

Com todos os meus colegas, ele foi até a mesa e ficou de pé, mas comigo ele puxou uma cadeira e a posicionou de forma que a minha perna ficou entre as pernas dele. Eu fiquei nervoso e tremia. Ele me pediu para mostrar alguns procedimentos que eu fazia em meu trabalho e de repente colocou a mão no meu ombro.



Com muito esforço consegui me concentrar e respondia a tudo que ele me perguntava. Ao final daquele momento, a mão que estava no meu ombro, apertou forte. Ele me agradeceu e se levantou. Sua barriga e cintura ficaram na altura do meu rosto. Eu fiquei alguns segundos olhando o volume que fazia a calça dele. Quando olhei pra cima, ele estava me olhando e sorrindo como se perguntasse: "gostou?" Mas não disse nada, apenas sorriu e saiu.

O dia estava chegando ao fim mas o tempo não passava, o que me deixava mais aflito! Finalmente chegou a hora de ir embora e fui o primeiro a sair. Antes de chegar no carro escuto alguém me chamar. Era Sérgio, me perguntando se eu não iria na festa que o pessoal da firma tinha preparado para recepcioná-lo. Realmente, alguém tinha comentado durante o dia, mas eu tinha esquecido. Ele me perguntou se poderia dar uma carona, pois minha chefe não poderia levá-lo. Disse que sim, ele agradeceu e entrou no carro.

Fiquei alguns segundos tentando me acalmar e pensando se o que estava acontecendo era verdade mesmo; tentando não criar expectativas pois afinal de contas ele pediu só uma carona. No caminho começamos a conversar e percebi que ele realmente era uma pessoa muito legal. Fomos direto para o bar em que estava acontecendo a festa. Lá ele ficou o tempo todo do meu lado. Depois de algumas cervejas começamos a falar sobre tatuagem e ele me disse que tinha 8 mas somente 6 dava pra ele mostrar pois as outras estavam em lugares que somente sem roupa se poderia ver. Meu copo de cerveja estava pela metade, mas eu a bebi de um gole só e disse: "Vamos lá no seu quarto. Aí você me mostra". Ele deu uma gargalhada e chamou o garçom. Pedimos a conta, nos despedimos do pessoal da firma e fomos embora.

Fui em direção ao meu carro e me despedi de Sergio. Ele perguntou: "Você não quer ver as tatuagens?" Pensei: meu Deus! Realmente está acontecendo! Fomos para o hotel. Entramos no elevador e meu coração parecia sair pela boca novamente. Quando ele abriu a porta do quarto logo foi desabotoando a camisa, confirmei o que já estava imaginando: ele tinha um peitoral lindo, pêlos milimetricamente no lugar. Eu sentado em um sofá e ele na minha frente tirando cada peça de roupa, parecia um show!

Ele ficou apenas de cueca e começou a contar as tatuagens uma a uma. Quando chegou na última, que começava na altura da costela e ia até a coxa, ele pegou a minha mão e colocou em cima da tatuagem. Me levantei e comecei a passar minha mão por todo o corpo dele. Vi que ele estava muito excitado e que aquilo não tinha mais volta! Começamos a nos beijar e ele foi tirando



minha roupa peça por peça também e fomos para a cama. Sérgio ficou mais 4 dias na cidade e todos os dias após o trabalho íamos juntos para o hotel para ficarmos juntos.

Hoje não trabalhamos mais na mesma empresa e ele não mora mais no Brasil. Nunca mais nos vimos, e não temos mais contato nenhum, mas nunca vou esquecer dos momentos incríveis que passei com meu colega da firma.





FRUTA BRUTA LTDA.



VAQUINHA
PARA FESTA
DA FIRMA



"Já estou dentro!"

Roberto Victor

TRANSAÇÃO #1EB1CE5B802A46E7546D6B4F0EA2B45	
CEDENTE	
NOME	Padrim
CPF/CNPJ	22419203000150
E-MAIL	pagamentos@padrim.com.br
FATURA	
GERADA EM	16/04/2021
VENCIMENTO	21/08/2021
MÉTODO DE PAGAMENTO	Boleto Bancário
CLIENTE	
NOME	Roberto Victor
E-MAIL	roberto.victor@padrim.com.br
Apoios realizados	
Projetos	Total
Fruta Bruta-25813	R\$ 9,99
TOTAL	R\$ 9,99

Participe
você
também!

Só
R\$ 9,99*



VAQUINHA PARA A

FESTA DA FIRMA



padrim.com.br/frutabruta

* Pode ser mais, pode ser menos, o importante é ser!

Vamos esperar a
pandemia acabar?
- Claro! Não somos
negacionistas malucos.
Segurança em
primeiro lugar!

Imprescindível
estar vacinado!

Open bar de
álcool gel e máscara!

Por gentileza, não ingerir o álcool gel.
De preferência, não ingerir as
máscaras também.

Atenção: essa é uma vaquinha ficcional de autoria de Roberto Victor, embora o Padrim do Fruta Bruta esteja aberto a doações e um tanto quanto vazio... Bora marcá?!

ROBERTO
VICTOR



FRUTA BRUTA LTDA.



"Festa do trabalho, não é festa, é trabalho". Acho que o Max Gehringer falou algo assim naquele programa de rádio e na época achei um exagero... Mas o convite ser um memorando deveria ter me acendido um alerta.

FICA O ALERTA

A festa foi numa sexta num bar próximo da firma. O fato da festa ser a fantasia piorava o delírio de que seria um dia de festejo sem consequências.

Os chefes, querendo compensar todos os abusos do ano, compraram uísque. Bebida perigosa.

Alguns, como eu, nunca tinham tomado mais de um gole.

O DJ era bom. Anos 80. Agradava todo mundo. Para nós era saudosismo, para a molecada, vintage.

Claro que a Princesa Leia, o Woody e o Buzz Lightyear foram embora logo depois da meia-noite.

A festa só saiu de controle lá pelas 3h da manhã. Tinha Super-Homem pegando vampiro casado no fundo do bar, Chaves passando mal no banheiro, enfermeira desmaiada na mesa. A Mulher Invisível, acreditando nos seus poderes, se constrangia na pista junto com algumas outras pessoas não fantasiadas que ela nem conhecia... Cíveis. Pessoas não fichadas na mesma firma.

Ainda permanecemos, nós, os últimos, até às 4h30.

O chefe da minha chefe, o Zorro, estava entre nós e convidou os resistentes para esticar na casa dele. No bolo entraram os civis que também estavam por ali.

Era perto e chegando lá já tive o primeiro estalo de sanidade. O que estou fazendo aqui?

Mas quando ele me ofereceu uma carreira de cocaína foi como uma injeção de glicose (ou seria de adrenalina mesmo?). Fiquei sóbrio imediatamente. O chefe mais sério e mal-humorado da empresa estava me oferecendo pó.

JEANNE O.
SANTOS



Como sair daquela situação sem maiores estragos?

Pensei em ir embora, mas pareceria desfeita com ele – que apesar de tudo, continuava sendo o chefe da minha chefe – a Princesa Leia. E abandonar a Mulher Invisível, o Chaves, a enfermeira, o Super-Homem e o vampiro naquele estado na toca do Zorro polarizado também não parecia legal.

Estando sóbrio, o que veio na sequência pareciam cenas do Calígula (filme que eu não vi, mas imagino que seja próximo daquilo só que com pessoas mais fotogênicas e outras fantasias).

Fingi que apaguei para não ter que “interagir” com ninguém e acabei dormindo mesmo... ali no sofá do chefe. Acordei umas horas depois e não consegui reconhecer os corpos estirados pelo chão da sala (seria mais fácil com as fantasias).

Espero que estejam todos vivos... Confesso que saí sem ter certeza disso.

Ainda tinha a ressaca absurda e a humilhação de estar vestido de Smurf Gênio (eu uso óculos) em plena luz do dia e cruzar com uma vizinha na portaria (provavelmente saindo pra almoçar).

Segunda feira parecia agora um futuro impossível.

Como voltar na firma depois dessa festa?

Passei o resto do sábado e todo o domingo imaginando o que fazer.

Pensei em atestado, alegação de amnésia ou até pedir pro meu irmão fazer um B.O. de desaparecido.

Cheguei a conclusão que o Zorro me demitiria de qualquer jeito e daí pelo menos teria direito aos benefícios. Seriam algumas horas constrangedoras e nunca mais precisaria ver aquelas pessoas.

Segunda feira eu estava um tanto e propositalmente atrasado. Queria pular os “bom dia” e comentários da festa e chegar no horário que a maioria já estaria efetivamente trabalhando.

Mas chegando na esquina vi a fumaça e a aglomeração na porta...

Alguém colocou fogo na firma!



FRUTA BRUTA LTDA.



CHEGANDO
DISCRETA NA
FESTA DA
FIRMA



ROMÁRIO





FRUTA BRUTA LTDA.



FESTA
ESTRANHA....
EU NÃO Tô
LEGAL



AMANDA
WANDERLEY

O brigadeiro duro, em cima da mesa, não deixava dúvida. Já não se faz festa como antigamente. Os chefes, também endurecidos, dizem que festejar agora só no virtual. Mas e o brigadeiro, como veio parar aqui em casa? O Roberto Carlos, nosso motoboy, trouxe às 10h. Pegou um kit folia na casa da Abigail, que trocou a vassoura e a água sanitária pelo fogão. Afinal, a firma fechou as portas, para economizar, e a galera dos serviços gerais rodou. Pra dar uma força a "Bibi", o big boss fez a encomenda. Só errou o dia de pegar. Quando "Bob Charles" passou com a motoca no dia seguinte, os brigadeiros tinham virado chumbinho, as balas de coco, maria mole, e o minibolo de chocolate, uma mousse. Que jeito lindo de celebrar os 10 anos de vida da nossa empresa, a distribuidora de refrigerante Biritás House.

Às 10h30, entramos todos, os 20 funcionários, no Zoom, para o brinde, com chapeuzinho na cabeça e a tubaína Calango, que paga nossos salários. Não sem antes o chefe falar que a Biritás só é o que é por causa da gente. Eu, que estou lá desde o comecinho, ensaiei até um choro. Acredita? Verdade, mesmo trabalhando no chão de fábrica, colocando o corante tutti frutti, sabor chiclete, no refri genérico, quase me senti dono da firma naquele momento. E lá vem o seu Leôncio com o discurso "Quando eu cheguei aqui, só tinha mato....você em ajudaram a capinar e hoje somos líderes no mercado, matando a sede do trabalhador".

Os meus brothers e brothars estavam com aquela alegria contagiante. O Jojô, que tinha virado Jojó, na pandemia, dava uns amassos no companheiro tatuador. A Vivi "pescava" de roncar, tipo turbina de avião. O Frederico, nosso estagiário, levou a mãe. E o seu Luís, o zelador, segurava a Fifi, sua vira-lata, como se fosse a funcionária do mês. E eu? Levantava o meu copo de plástico rosa, com a Calango sabor laranja, rindo para não chorar da azia que se aproximava. A brasa no estômago deu lugar a uma labareda e dei graças a Deus quando os computadores se apagaram e pude, finalmente, celebrar com o Sonrisal mergulhado na minha Coca-Cola.



FRUTA BRUTA LTDA.



(TRÍPTICO)

DRAMA



PETROVNA

ANDERSON



FRUTA BRUTA LTDA.

(TRÍPTICO)

DRAMA



PETROVNA

ANDERSON



FRUTA BRUTA LTDA.



(TRÍPTICO)

DRAMA



PETROVNA

ANDERSON





FRUTA BRUTA LTDA.



KARAOKÊ

Dois Oompaloompas andam por um corredor. Um deles chama a atenção do outro para o cartaz.

Joãoompaloompa

Vai na festa?

Pedroompaloompa

Só espero que dessa vez não tenha karaokê...



DANILO CHAVES



FRUTA BRUTA LTDA.



EU LEVO OS
PETISCOS



TIAGO
CAMPOS



C	D	E
Resumo mensal da jornada de trabalho		
Colaborador:		
Empresa:		Identidade:
Departamento:		Mês e Ano:
HORA DE ENTRADA	HORA DE SAÍDA	TEMPO DE ALMOÇO
09:00	18:00	01:00
09:00	19:00	01:10
10:00	18:00	00:45
09:30	19:00	00:50
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:00
09:00	18:00	01:30
09:00	18:00	01:30
09:00	18:00	00:45
09:00	18:00	00:45
09:00	18:00	01:30

FESTA NA FIRMA



FRUTA BRUTA